

# > Simone de Beauvoir e a dimensão metafísica da existência: uma análise de *A convidada*

> Simone de Beauvoir and the metaphysical dimension of existence:  
an analysis of *She came to stay*

por Josiana Barbosa Andrade

Mestranda em Filosofia, na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pesquisa em Fundamentação e Crítica da moral. E-mail: josyyandrade17@gmail.com. ORCID: 0000-0003-2789-4545.

## Resumo

*A convidada* [1943], longe de ser uma aplicação de ideias abstratas, foi um dos romances que inaugurou o que Merleau-Ponty nomeou de “romance metafísico”. Não há nele *uma* perspectiva, mas perspectivas; uma consciência ubíqua que conduz o drama, mas consciências situadas no espaço, no tempo e na história. À vista disso, buscaremos mostrar, ao longo deste estudo, o que caracteriza a *dimensão metafísica da existência* que constitui o romance de Simone de Beauvoir, por meio da hipótese de que essa dimensão é o que o define, essencialmente. Para isso, utilizaremos tanto as observações da filósofa, elaboradas em sua autobiografia e alguns de seus ensaios, quanto a análise de Merleau-Ponty a respeito do tema.

**Palavras-chave:** Romance metafísico. Dimensão metafísica. Existência. Totalidade-destotalizada. Paradoxo.

## Abstract

*She Came to Stay* [1943], far from an application of abstract ideas, was the precursor to what Merleau-Ponty called “the metaphysical novel”. In it, there is not only one single perspective, but perspectives; not a ubiquitous consciousness that drives the drama, but consciousnesses which are situated in time, in space and within the story. With that in mind, this paper intends to examine what characterizes the *metaphysical dimension of existence* which constitutes Simone de Beauvoir’s novel, based on the hypothesis that such dimension is what essentially defines the novel. For that purpose, we will use Beauvoir’s own observations, found in her autobiography and some of her essays, as well as Merleau-Ponty’s analysis of the subject.

**Keywords:** Metaphysical novel. Metaphysical dimension. Existence. Totality-detotaled. paradox.

> Artigo recebido em 27.12.2020 e aceito em 16.04.2021.

[...] *la métaphysique n'est plus, comme disait Descartes, l'affaire de quelques heures par mois; elle est présente, comme le pensait Pascal, dans le moindre mouvement du cœur.*

Maurice Merleau-Ponty, “*Le roman et la métaphysique*”, 1966, p. 36.

## Considerações iniciais

Elaborado em um período precedente à Segunda Guerra Mundial, o romance *A Convidada* [1943], de Simone de Beauvoir, problematiza algumas questões concernentes à existência humana e o seu vínculo não somente com o mundo, mas também com os outros, sejam eles pensados ou pensantes. Diferentes interpretações acerca dele, com o passar dos anos, foram realizadas; entre elas, está a de Hazel Barnes, que, ao analisar o romance, interpretou-o como uma “quase ilustração didática” da terceira parte de *O ser e o nada*, de Jean-Paul Sartre<sup>1</sup>; para ele, a leitora ou o leitor poderia “*sentir* que a inspiração do livro foi, simplesmente, uma decisão de Simone de Beauvoir de demonstrar como os princípios abstratos de Sartre poderiam funcionar na vida real”<sup>2</sup>. O estudioso, contudo, “não excluiu, por completo a *possibilidade* de que Simone de Beauvoir tenha contribuído à formação da filosofia de Sartre”<sup>3</sup>, ainda que não tenha a reconhecido, neste episódio, *necessariamente*.

Ora, frequentemente, a influência de Simone de Beauvoir, em relação ao pensamento de Sartre, é assumida como *possível*, ao passo que o contrário é

<sup>1</sup> Em seu artigo “She came to stay and Being and Nothingness” [2006], Edward Fullbrook, em contraposição a Hazel Barnes, investiga a relação entre as duas obras, identificando alguns argumentos filosóficos compartilhados entre elas, levando em consideração, criticamente, o posicionamento de Barnes, e as interpretações de Elizabeth Fallaize e Merleau-Ponty. Fullbrook, em seu estudo, tentará mostrar um “endividamento filosófico” de *O ser e o nada* para com *A convidada*, uma vez que “(1) Simone de Beauvoir já havia escrito a maioria ou a totalidade de *A convidada* antes de Sartre iniciar a escrever *O ser e o nada*; e (2) muitas das ideias filosóficas creditadas como originárias do *Ser e o Nada* não apareceram nos diários e outros escritos de Sartre até ele ter lido o segundo esboço de *A convidada*” (2006, p. 43, tradução nossa). Desta interpretação, porém, não se implica que o ensaio de Sartre tenha se originado por meio do romance de Simone de Beauvoir, mas que pode ter sido influenciado por ele.

<sup>2</sup> Hazel Barnes, *The literature of possibility: A study in humanistic existentialism*, 1961, p. 121, tradução nossa, grifo nosso. Ele reafirma esse argumento em seu artigo “Self-encounter in *She came to stay*” [1998].

<sup>3</sup> “[...] not at all preclude the possibility that de Beauvoir has contributed to the formation of Sartre’s philosophy”. Hazel Barnes, *The literature of possibility: A study in humanistic existentialism*, 1961, p. 122, tradução nossa, grifo nosso.

apresentado como *necessário*. Margareth Simons, em seu artigo *Beauvoir e Sartre: a questão de influência* [1981], evidenciou que a relação de influência entre Simone de Beauvoir e Sartre foi mútua e reciprocamente reconhecida por ambos.<sup>4</sup> Neste contexto, torna-se importante realizar uma distinção entre uma relação de englobamento<sup>5</sup> e uma relação de reciprocidade, haja vista que na medida em que uma obra de Simone de Beauvoir é interpretada como uma aplicação de conceitos abstratos de uma obra de Sartre, sua autonomia intelectual é colocada sob suspeita e, por consequência, seu pensamento é englobado no de Sartre; ao passo que uma relação de reciprocidade pressupõe a independência das duas pessoas, para que seja possível o reconhecimento da influência recíproca. A influência entre eles, pois, não foi unilateral, como enfatizou Simons.<sup>6</sup> Tanto Sartre quanto Simone de Beauvoir nos evidenciaram isso, por exemplo, quando Sartre faz as seguintes afirmações em seu caderno de guerra de 1940: “Castor na verdade ensinou-me algo novo: no seu romance [*L’invitée*] vemos Elizabeth queixar-se de estar rodeada de objetos que ela quer apreciar e não pode ‘realizar’”<sup>7</sup>. “Mas Castor viu mais longe. Ela quer dizer que somos rodeados por irrealizáveis”<sup>8</sup>. Ou quando Simone de Beauvoir afirma em uma entrevista realizada por Margaret Simons e Jéssica Benjamin: não, “esse problema... da consciência do outro era o meu problema”<sup>9</sup>, ao ser interrogada se a ideia de conflito entre as consciências, presente em *A Convidada*, seria originalmente de Sartre.

Mais do que uma relação de “influência”, porém, a relação entre Simone de Beauvoir e Sartre, como bem pontuou Sylvie Le Bon de Beauvoir, pode ser compreendida como “um *encontro*, no sentido mais forte do termo”<sup>10</sup>. A questão da influência, à diferença da ideia de encontro, conduz a um debate sem fim e

<sup>4</sup> Margaret Simons, “Beauvoir e Sartre: a questão de influência (1981)”, 2012.

<sup>5</sup> Pensamos a relação de englobamento a partir da análise de Louis Dumont, em sua obra *Homo Hierarchicus*.

<sup>6</sup> Margaret Simons, “Beauvoir e Sartre: a questão de influência (1981)”, 2012, p. 343.

<sup>7</sup> Jean-Paul Sartre, *Diário de uma guerra estranha*, 1983, p. 242.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 242.

<sup>9</sup> “[...] this problem... of the other's consciousness, it was my problem” Margaret Simons e Jessica Benjamin, *Simone de Beauvoir: An interview*, 1979, p. 339, tradução nossa.

<sup>10</sup> “an encounter in the strong sense of the term” Sylvie Le Bon de Beauvoir, “Foreword to the Beauvoir Series”, 2004, p. X, tradução nossa, grifo nosso.

“improdutivo”<sup>11</sup>, cujas fontes conduzem a um abismo. Nesse encontro, houve reciprocidade; nele, é-se pressuposta a autonomia de pensamento de ambas as partes. Simone de Beauvoir, diferente da imagem que Barnes buscou nos engendrar, não possuía uma *docilidade intelectual*.<sup>12</sup> O seu primeiro romance publicado, *A convidada*, não foi inspirado, como “sentiu” o estudioso,<sup>13</sup> pela sua suposta decisão de “demonstrar”, no plano da literatura, princípios abstratos da filosofia de Sartre, pelo fato de que, por definição, *um romance beauvoiriano não é uma aplicação ou demonstração de teorias, princípios ou conceitos filosóficos, mas a expressão da própria realidade vivida, com suas contradições e ambiguidades*. No caso específico do romance citado, a intenção da filósofa, conforme a sua autobiografia, foi a de conceber e exprimir um passado que ela estava superando, porque tinha se tornado diferente do que havia esboçado de si mesma.<sup>14</sup> Com isso, a sua personagem Xavière Pagès, a “convidada”, foi baseada em um mito que Simone de Beauvoir e Sartre haviam engendrado a partir de Olga Kosakiewicz. Com a jovem russa, ambos buscaram construir um futuro: eles forjaram o trio, pois “acreditavam que as relações humanas precisavam ser perpetuamente inventadas, que, *a priori*, nenhuma forma humana é privilegiada, nenhuma é impossível”<sup>15</sup>. Disso não se segue, no entanto, que Xavière *seja* Olga; Xavière ganhou a sua própria singularidade enquanto personagem. E, de maneira análoga, ainda que Simone de Beauvoir tenha emprestado a Françoise Miquel o seu ponto de vista, baseado em sua própria experiência, ela não *é* Françoise.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. X.

<sup>12</sup> Simone de Beauvoir utiliza esta expressão em seu artigo “Literatura e Metafísica”, ao explicar que um “romance filosófico” ou “romance metafísico”, não é criado apenas por meio de aplicação de ideias ou teorias filosóficas em forma de romance, uma vez que essa atividade é uma descoberta viva para a escritora ou escritor, e um romance não é construído a partir de fórmulas prontas. Não ter docilidade intelectual significa não aderir simplesmente às ideias teóricas ou interpretações construídas a partir de fenômenos, haja vista um fenômeno pode ser inesgotável, considerando que, “no mundo real, o sentido de um objeto não é um conceito apreensível pelo entendimento puro: é o objeto enquanto se nos desvela na relação global que mantemos com ele e que é ação, emoção, sentimento; pede-se aos romancistas para evocarem essa presença de carne e osso cuja complexidade, cuja riqueza singular e infinita, ultrapassa qualquer interpretação subjetiva. O teórico quer constranger-nos a aderir às ideias que a coisa, o acontecimento, lhe sugeriram. Esta docilidade intelectual repugna a muitos espíritos”. Simone de Beauvoir, “Literatura e metafísica”, 1967, p. 81.

<sup>13</sup> O equívoco do intérprete Hazel Barnes não foi mostrar que há argumentos filosóficos compartilhados nas duas obras, mas que a possível “inspiração” de Simone de Beauvoir estaria condicionada à obra de Sartre.

<sup>14</sup> Simone de Beauvoir, *A força da idade*, 2018.

<sup>15</sup> Simone de Beauvoir, *A força da idade*, 2018, p. 201.

*A convidada*, longe de ser uma aplicação de princípios, ideias ou conceitos abstratos, foi um dos romances que inaugurou o que Maurice Merleau-Ponty se referiu como “romance metafísico”. Não há nele *uma* perspectiva, mas perspectivas; uma consciência ubíqua que conduz o drama, mas consciências situadas no espaço, no tempo e na história. À vista disso, buscaremos mostrar, ao longo deste estudo, o que caracteriza a dimensão metafísica da existência humana – que constitui o romance de Simone de Beauvoir – por meio da hipótese de que essa dimensão é o que o define, essencialmente. Para isso, utilizaremos tanto as observações da filósofa, elaboradas em sua autobiografia e em alguns de seus ensaios, tais como “Literatura e metafísica” [1945] e “Que peut la littérature?” [1966], quanto os textos “Le roman et la méthafisique” [1945] e “O metafísico no homem” [1947], de Merleau-Ponty. No que diz respeito às obras do filósofo francês, limitar-nos-emos aos textos supracitados, de modo que nos será permitido evidenciar algumas das singularidades do pensamento beauvoiriano, na medida em que muitas de suas ideias filosóficas apresentadas em *A convidada* foram assumidas, no decorrer do tempo, por diferentes estudiosas de seu pensamento,<sup>16</sup> em específico de *O segundo sexo* [1949], como ideias merleau-pontyanas que Simone de Beauvoir supostamente teria se apropriado, quando a hipótese mais passível de ser verdadeira, atualmente, considerando a publicação

<sup>16</sup> Essa relação de influência androcêntrica-unilateral entre Merleau-Ponty e Simone de Beauvoir – no que diz respeito, em especial, com as noções corretas ao corpo humano – pode ser percebida, sobretudo, na tradição de interpretação que defende que a filosofia beauvoiriana se situa dentro do contexto da fenomenologia, dentre as quais se encontra Sara Heinämaa, que desenvolveu seu argumento no mesmo horizonte de Sonia Kruks, em *Toward a phenomenology of sexual difference* [2003]. Segundo a filósofa finlandesa (2003, p. XII, *tradução nossa*), a discussão beauvoiriana “sobre feminilidade e diferença sexual é fenomenológica em seus objetivos e métodos. Seus pontos de partida básicos estão na ideia husserliana do corpo vivido, que ela encontrou desenvolvida na *Phénoménologie de la perception* de Merleau-Ponty” (of femininity and sexual difference is phenomenological in its aims and its methods. Her basic starting points are in the Husserlian idea of the living body that she found developed in Merleau-Ponty’s *Phénoménologie de la perception*). O problema, porém, não é a questão de influência em si, mas a maneira como ela é colocada, haja vista que, frequentemente, Simone de Beauvoir é posicionada, poder-se-ia dizer, como uma influenciável absoluta. No Brasil, por exemplo, Pedro Rhavel Teixeira, em “Literatura e metafísica na filosofia de Simone de Beauvoir” [2017], a fim de justificar a relação entre a metafísica e o corpo, apresentada em *A convidada* e descrita de maneira conceitualizada em “Literatura e metafísica”, recorre, de forma anacrônica e sem justificar, ao conteúdo de *a Fenomenologia da percepção*, pelo fato de Simone de Beauvoir tê-lo lido (Pedro Teixeira, 2017, p. 510). É verdade, a filósofa leu e resenhou tal ensaio de Merleau-Ponty, em 1945. Ocorre que o filósofo o escreveu após ter lido *A convidada* – romance que ele elaborou uma análise, com ênfase na ideia de metafísica. O estudioso brasileiro, porém, não mencionou a resenha de Merleau-Ponty e tampouco que ele foi, consequentemente, um leitor de Simone de Beauvoir, sem cogitar a hipótese de um diálogo recíproco entre ambos, no texto supracitado.

póstuma de *Cahiers de jeunesse* [2008], é, exatamente, contrária, corroborando com a tese de Kate Fullbrook e Edward Fullbrook [1996],<sup>17</sup> de que muitas das ideias filosóficas expressas por Simone de Beauvoir no romance, ao qual Merleau-Ponty e Sartre tiveram acesso antes da publicação, pode ter os influenciado.<sup>18</sup>

Dentre essas ideias, encontra-se a de metafísica.<sup>19</sup> Diferente do jovem Merleau-Ponty, a jovem Simone de Beauvoir não aceitara a concepção de filosofia e, por sua vez, de metafísica reduzida a um sistema ou a princípios teóricos; em sua concepção, a filosofia e a metafísica eram *vividas*. Em seus diários de 1926 a 1930, em diversas passagens, ela tentara justificar a sua perspectiva, contrapondo-se, em alguns momentos, à do jovem Merleau-Ponty, que lhe defendera que “o sentimento era uma ideia fracassada”<sup>20</sup>, argumentando-lhe que, para filosofar, ela deveria se distanciar dele em detrimento da razão. Ela, a princípio, nos meados de 1927, tentara ouvi-lo, mas logo em seguida apercebeu-se de que isso não era possível. Os “problemas que ele [Merleau-Ponty] vivia com sua mente, [ela] os vivia com os [seus] braços e [suas pernas]”<sup>21</sup>. O que lhe interessava não era uma ideia *em si*, mas a maneira que alguém as assumia, apaixonadamente.<sup>22</sup> Ela *sentia as ideias*; esse sentir refletia um amor que não lhe era nem sentimental e nem intelectual: era um amor que a envolvia por completo,<sup>23</sup> um amor metafísico. A jovem estudante de filosofia, em resposta ao seu jovem colega racionalista, que no futuro tornar-se-á o filósofo que escreverá *A fenomenologia da percepção*, recusara a renunciar ao seu coração, ao seu corpo. “Pensar é viver, entretanto. Eu penso. Não vou recusar o amor, esta

<sup>17</sup> Kate Fullbrook e Edward Fullbrook, *Simone de Beauvoir*, 1998, p. 77.

<sup>18</sup> Sobre a relação entre Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty, com a publicação de *Cahiers de jeunesse*, em 2008, a hipótese de Kate Fullbrook e Edward Fullbrook revelou-se mais provável de ser verdadeira. Em seus diários da juventude, Simone de Beauvoir elabora diversas anotações se contrapondo às ideias racionalistas de jovem Merleau-Ponty, seu amigo. No mesmo horizonte, Margaret Simons (2001, p. 38), em “The Beginnings of Beauvoir's Existential Phenomenology” [2001], ao estudar os seus diários de 1927, levantou a hipótese de uma possível influência de Simone de Beauvoir em relação a Merleau-Ponty acerca do problema do corpo.

<sup>19</sup> Kate Fullbrook e Edward Fullbrook não trataram, nesses termos, o tema da metafísica. Contudo, assumimos como um ponto de partida a hipótese deles acerca da relação recíproca de ideias entre Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty.

<sup>20</sup> “le sentiment est une idée ratée” Simone de Beauvoir, *Cahiers de jeunesse*, 2008, p. 384, tradução nossa.

<sup>21</sup> “ces problèmes qu’il vit avec son cerveau, je les vis avec mes bras et mes jambes” *Ibidem*, p. 384, tradução nossa.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 197.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 336-337.



extraordinária criação de valores”<sup>24</sup>, escrevera. “O que importa para mim que eles [colegas da Sorbonne] julguem como fraqueza ou ilogicidade o que vem de uma complexidade maior?”<sup>25</sup>, questionara. Felizmente, ela decidira assumir o que havia de mais singular nela, ao comparar-se com seus colegas: buscava viver, a só tempo, com o coração e o cérebro.<sup>26</sup> Vivenciava “preocupações metafísicas”<sup>27</sup>, “dores metafísicas”<sup>28</sup> e “angústias metafísicas”<sup>29</sup>; e ao vivenciá-las não podia, simplesmente, pela força da vontade renunciá-las e negá-las. E, nesse contexto, ao fazer as suas autoanálises, ela dividia a sua vida em três aspectos: o metafísico, o intelectual e o sentimental<sup>30</sup>, de modo que nos é possível dizer que, Simone de Beauvoir, ao defender uma dimensão metafísica da existência, em seus ensaios da década de 1940, estava a reafirmar uma de suas ideias da juventude, cuja fonte fora a sua própria experiência vivida. E Merleau-Ponty, por seu turno, compartilhará dessa mesma noção de metafísica, renunciando ao seu ponto de vista racionalista da juventude<sup>31</sup>.



Embora em *A convidada* a história principal narrada seja a de Françoise, outras histórias de diferentes personagens são apresentadas no decorrer da narrativa. Cada personagem no drama possui uma singularidade, um sistema de

<sup>24</sup> “Penser, c’est vivre pourtant. Je penserai. Je ne refuserai pas l’amour, cette extraordinaire création de valeurs.” *Ibidem*, p. 384, tradução nossa.

<sup>25</sup> “Que m’importe qu’ils jugent faiblesse ou illogisme ce qui vient d’une complexité plus grande?” *Ibidem*, p. 385, tradução nossa.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 385.

<sup>27</sup> “Préoccupations métaphysiques” *Ibidem*, p. 198, tradução nossa.

<sup>28</sup> “Douleur métaphysique” *Ibidem*, p. 354, tradução nossa.

<sup>29</sup> “Angoisse métaphysique” *Ibidem*, p. 403, tradução nossa.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 463-464.

<sup>31</sup> É significativo dizer que, em seu artigo sobre *A convidada*, Merleau-Ponty citou como epígrafe, precisamente, a passagem “o que me surpreende é que você seja atingida de forma tão concreta por uma situação metafísica — Pierre. Mas trata-se de uma coisa bem concreta: todo o sentido de minha vida se encontra em jogo — Françoise. Talvez... Apesar de tudo, disse olhando-a com interesse, é excepcional esse pode de viver uma ideia de corpo e alma — Pierre.” (Simone de Beauvoir, *A convidada*, 1985, p. 363), do romance beauvoiriano. Em tal passagem, podemos identificar, com nitidez, tanto a ideia de metafísica como experiência vivida quanto a de ambiguidade — do ser humano como, simultaneamente, corpo e alma, como consciência incorporificada.

valores, uma maneira de existir no mundo. Uma personagem é um universo inesgotável; suas ações possibilitam-nos infinitas interpretações, uma vez que em um romance metafísico não se é dada uma verdade única, as personagens tornam-se tão complexas quanto os seres humanos o são fora do mundo ficcional. Elas não são em si: buscam ser. A Françoise do início do livro não é a mesma, em sua totalidade, que a do término. Mesmo não existindo uma consciência ubíqua na narrativa, Françoise serve como um “ponto de referência”, que nos situa dentro do drama, já que a história a ser narrada é a sua; isso não significa, repetimos, que as histórias das outras personagens não existam. Por isso, no percurso de nosso estudo, utilizaremos Françoise em suas relações com as outras personagens, para evidenciar a dimensão metafísica da existência humana, que caracteriza e define tais personagens de Simone de Beauvoir. Para entendermos, contudo, essa dimensão, precisamos, antes de tudo, compreender o conjunto dentro do qual ela foi situada.

O fim da filosofia beauvoiriana é o desvelamento e a desmistificação da realidade humana. Em sua concepção, essa realidade é constituída como uma “totalidade-destotalizada”<sup>32</sup>. O que significa dizer que ela não pode ser desvelada, em sua totalidade, de maneira totalizada – de uma só vez e por apenas uma técnica de compreensão. Sempre se desvela-a de modo destotalizado, pelo fato de o ser humano ser um sujeito situado no espaço, no tempo e na história, de ser uma *ambiguidade*, isto é, simultaneamente, corpo e espírito. Então, visando realizar esse movimento de desvelamento da realidade humana, ela elaborou uma filosofia que possui tanto uma *dimensão teórica* quanto uma *dimensão literária*, as quais são interdependentes e não-hierárquicas. Cada uma é irreduzível e expressa, *conforme a sua singularidade*, a mesma realidade humana. Em um ensaio teórico, ela apresenta, de forma objetiva e sem contradições, diferentes aspectos que constituem a experiência humana, ao passo que em um romance, ao contrário, ela exprime a própria experiência humana com suas ambiguidades e contradições. Trata-se, portanto, de uma relação interdependente, em que ambas as partes possuem uma autonomia – enquanto forma de expressão. Contudo, à

---

<sup>32</sup> “Totalité détotalisée” Simone de Beauvoir, “Que peut la littérature?”, 2012, p. 335, tradução nossa.



diferença de Pedro Rhavel Teixeira, não pensamos essa relação de interdependência, em termos genéricos, entre a literatura e a filosofia,<sup>33</sup> e sim, em termos precisos, dentro do fundo-filosófico-beauvoiriano, entre a filosofia teórica e a literatura filosófica. Simone de Beauvoir não fez, segundo ela, nem pura filosofia e nem pura literatura,<sup>34</sup> mas uma filosofia que buscou expressar tanto em textos teóricos quanto em textos literários,<sup>35</sup> a fim de desvelar os dois aspectos interdependentes da verdade da condição humana: o objetivo e o subjetivo. Essa relação torna-se evidente, em seu artigo “Literatura e metafísica” [1945], quando ela traça – a fim de justificar a ideia de literatura filosófica ou romance metafísico – uma analogia com o romance psicológico e a psicologia teórica. Conforme seu argumento, se ninguém repudia a existência do romance psicológico e tampouco o confunde com a psicologia teórica, é porque aceitamos que a psicologia “não é uma disciplina especial e estranha à vida; toda experiência humana tem uma certa dimensão psicológica; e enquanto o teórico salienta e sistematiza no plano abstrato essas significações, o romancista evoca-as em sua

<sup>33</sup> Ao longo do desenvolvimento de seu artigo, Pedro Rhavel Teixeira “Literatura e metafísica na filosofia de Simone de Beauvoir” [2017], busca mostrar uma relação de interdependência entre filosofia e literatura na obra de Simone de Beauvoir. Ele, contudo, não define, com clareza e sem ambiguidades, o que é filosofia e o que é literatura para a filósofa, de modo que a articulação entre essas duas formas de compreensão da realidade seria possível. O que o conduziu a argumentar que a separação entre a filosofia e a literatura não seria clara, afirmando que na obra beauvoiriana “filosofia é literatura e literatura é filosofia. A única distinção se dá no modo pelo qual as ideias e teses são expostas. Podem ser mascaradas num enredo, como em seus romances, ou explicados à exaustão, como em seus ensaios” (Pedro Teixeira, 2017, p. 518-519). Segundo ele, “um romance metafísico é o lugar próprio de expor filosofia através da literatura” (Pedro Teixeira, 2017, p. 509). “Trata-se de expor teses filosóficas no meio do romance, dentro do enredo, sem assim parecer claramente ao leitor. É claro que um leitor filósofo talvez consiga perceber tais sutilezas, e é isto que será feito, mas a ideia é diluir a filosofia em meio à dramaturgia do romance. (Pedro Teixeira, 2017, p. 518-519). Tais argumentos não são coerentes com o pensamento beauvoiriano. Para ela, um romance metafísico não visa expor teses filosóficas, mas busca apresentar a própria realidade humana em suas ambiguidades e contradições. Se romance se tratasse de expor filosofia, sua existência não seria insubstituível, já que é possível comunicar teses em um ensaio teórico-filosófico. É, exatamente, contra esse argumento que Simone de Beauvoir defende que “o romance só se justifica se é um modo irreduzível de comunicação a qualquer outro” (Simone de Beauvoir, 1967, p. 80). E à diferença de um ensaio teórico-filosófico, o romance não comunica por meio do conhecimento, mas do vivido, em uma linguagem indireta (Simone de Beauvoir, 2019, p. 110). Somente pela literatura, segundo ela, é possível ao ser humano sentir o gosto singular de uma outra vida que não é a sua, sem deixar de abandonar a sua própria vida (Simone de Beauvoir, 2012, p. 337). Durante a leitura de um romance, não se conhece: vivencia-se uma experiência, que ocorre no plano irrefletido da consciência; ao refletir sobre ela, a leitora ou o leitor já não está a vivenciá-la. Por isso, na duração de uma leitura de um romance metafísico, a leitora ou o leitor autêntico, conforme a filósofa, “efetua experiências tão completas, tão inquietantes como experiências vividas” (Simone de Beauvoir, 1967, p. 81).

<sup>34</sup> Simone de Beauvoir, “Literatura e Metafísica”, 1967, 95.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 87.

singularidade”<sup>36</sup>. O problema, como podemos perceber, situa-se na própria concepção de filosofia que é, em sua perspectiva, correlata à de metafísica.

Seguindo as suas premissas, o repúdio à ideia de literatura filosófica ou romance metafísico está vinculado com a ideia de que a filosofia seria uma disciplina especial e estranha à vida, ou melhor, à vida cotidiana; e ao não reconhecimento da existência de uma certa dimensão metafísica ou filosófica na vida humana. E disso, conseqüentemente, adviria uma confusão, não sem uma certa má-fé, entre o conteúdo de uma literatura filosófica com a de um ensaio teórico-filosófico. Considerando isso, Simone de Beauvoir proporá uma nova concepção de metafísica e, por sua vez, de filosofia,<sup>37</sup> cujo alicerce se dá na própria experiência vivida. Ao invés de negar a metafísica, desmistifica-a. Para a filósofa, a metafísica não é um “sistema teórico”<sup>38</sup>, mas uma das dimensões da existência humana, que ela identifica também como a dimensão filosófica. E, exatamente, por isso, ela não pode ser, de forma absoluta, negada, já que é uma parte constituinte da vida humana, que pode ser somente vivida e descrita, mas não explicada. Ao decretar a morte da metafísica, pode-se dizer, à luz dessa nova significação, que Kant, por exemplo, não negou a metafísica em si, mas os princípios metafísicos empregados pela razão por meio dos quais ele reduziu o que seria a metafísica.<sup>39</sup> Acontece, entretanto, que a metafísica – banida da filosofia que se distanciou da vida vivida – não “cessou de levar uma espécie de vida clandestina na literatura e na poesia”<sup>40</sup>. E, como durante muitos anos, a relação entre a filosofia e a literatura fora concebida como se houvesse entre elas não apenas diferenças técnicas, mas também de objeto,<sup>41</sup> teve-se a ideia de que elas seriam inconciliáveis. Essa suposta incompatibilidade reflete o dualismo primevo entre o eterno e o terreno e, por conseguinte, entre o espírito e o corpo. Enquanto a literatura, supostamente, dedicar-se-ia a este, a filosofia se voltaria

---

<sup>36</sup> *Ibidem*, 1p. 87.

<sup>37</sup> Nessa sua concepção, reflete-se o seu retorno e retoma da ideia de filosofia de uma tradição de filosofias da Antiguidade, que concebiam a filosofia como, a só tempo, maneira de viver e doutrina. Desenvolvemos essa hipótese em “Moral beauvoiriana *qua* método: por um retorno a Simone de Beauvoir” [2020].

<sup>38</sup> Simone de Beauvoir, “Literatura e Metafísica”, 1967, p. 87.

<sup>39</sup> Maurice Merleau-Ponty, “O metafísico no homem”, 1975, p. 369.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 369.

<sup>41</sup> Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la méthafisque”, 1966, p. 50.

para aquele. “Essa dualidade foi fundada durante muito tempo sobre a crença de que o homem [*sic*! ser humano] tinha que pertencer, simultaneamente, entre dois mundos”<sup>42</sup>, surgindo, daí, normalmente, um conflito entre os interesses espirituais e temporais, em que o sujeito seria obrigado a escolher ou a alma ou o corpo.<sup>43</sup> Pressupondo esse dualismo do mundo e do ser humano, e privilegiando o espírito em detrimento do corpo, a metafísica clássica foi instalada “sobre um plano de fundo racionalista incontestável e estava convencida de que poderia compreender o mundo e a vida humana por meio de um arranjo de conceitos”<sup>44</sup>. Voltando-se para as verdades atemporais, objetivas e a-históricas, ela surgiu como uma espécie de contraditório da literatura – que trataria de verdades temporais, subjetivas e históricas. Por isso, em concordância com Thana de Souza, “a metafísica clássica não permite uma valorização da arte: para aquela, esta é apenas uma cópia e deve subordinar-se ao rigor do pensamento filosófico”<sup>45</sup>. Não foi por acaso que, para afirmar a realidade suprema da Ideia de que este mundo seria somente uma aparência, uma degradação enganosa, Platão não soube o que fazer dos poetas, excluindo-os de sua república;<sup>46</sup> mas, ao descrever o movimento dialético que conduziria o ser humano à Ideia, ele experimentou a necessidade de fazer de si próprio um poeta,<sup>47</sup> na medida em que o caminho de ascensão para a Ideia não seria outro que não o do mundo sensível, situando os seus diálogos em episódios cotidianos terrenos. Esse “fracasso” de Platão de não conseguir se desvincular da poesia, ainda que quisesse, apontado por Simone de Beauvoir, revela uma verdade irreduzível acerca da condição humana: o ser humano é um ser terreno, seu domínio é aqui, no único mundo que experiencia – *qua* ser que é, simultaneamente, corpo e espírito; que é habitante de um só mundo.

<sup>42</sup> Simone de Beauvoir, “Idealismo moral e realismo político”, 1967, p. 44.

<sup>43</sup> Simone de Beauvoir, em “Idealismo moral e realismo político”, mostra as implicações políticas e morais advindas da concepção dualística de ser humano, cuja consequência essencial foi a separação entre a política (que trataria das questões terrenas) e a moral (que trataria das questões do espírito). Pensamos que, analogamente, a separação entre a filosofia e literatura (e as artes em geral) reflete também um sintoma consequente dessa dualidade.

<sup>44</sup> “[...] sur un fond de rationalisme incontesté et qu'elle était persuadée de pouvoir faire comprendre le monde et la vie humaine par un agencement de concepts”. Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la métaphysique”, 1966, p. 36, tradução nossa.

<sup>45</sup> Thana de Souza, “Sartre e Literatura engajada”, 2008, p. 67.

<sup>46</sup> Simone de Beauvoir, “Literatura e Metafísica”, 1967, p. 89.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 89.

Tomando como ponto de partida essa verdade irredutível – os seres humanos são seres terrenos e, conseqüentemente, temporais, espaciais, históricos e mortais – Simone de Beauvoir, com quem Merleau-Ponty concordará, trará à tona a metafísica presente no seio do mundo vivido, a metafísica tal como o ser humano a experiencia. À diferença da metafísica clássica, que se sobrepondo à própria realidade material humana, situou os “dramas” humanos em um “teatro transcendente”, conforme a expressão de Merleau-Ponty,<sup>48</sup> e à maneira dos primitivos representaram-se e projetaram-se em mitos, a metafísica na perspectiva existencialista se revelará nos dramas cotidianos dos seres humanos, em seus amores, em seus ódios, em suas alegrias, em suas tristezas. Os problemas filosóficos não são mais problemas puramente cerebrais de um observador alheio, movido por uma vontade de ubiquidade: envolvem a experiência vivida e, por esse motivo, são também dramáticos. A tarefa da filosofia, com o existencialismo e a fenomenologia – tradições aos quais Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty assumiram para desvelar a realidade humana – não consiste mais em querer explicar o mundo e a vida humana, mas em descrever e explicitar a experiência humana; com essa ressignificação do filosofar,<sup>49</sup> a relação entre a filosofia e a literatura se modifica, porque tais doutrinas filosóficas adotam como ponto de partida “um contato com o mundo que precede todo pensamento sobre o mundo”<sup>50</sup>, de modo que a suposta relação contraditória entre ambas as técnicas de compreensão da realidade humana revela-se falaciosa: tanto a filosofia quanto a literatura possuem o mesmo *objeto* de desvelamento – a experiência humana do mundo. No caso específico de Simone de Beauvoir, quem escreveu ensaios teórico-filosóficos e romances

<sup>48</sup> “Théâtre transcendant” Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la méthaphysique”, 1966, p. 36, tradução nossa.

<sup>49</sup> Essa ressignificação do filosofar, como descrição, ao invés de explicação, do mundo e da vida humana, na fenomenologia husserliana – a qual Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty foram adeptos em muitos aspectos – aparece, *dentro de certos limites*, como uma retomada do sentido original proposto pelos antigos (tradição pré-socrática, anterior ao surgimento do que compreendemos hoje como metafísica clássica, que será sistematizada por Aristóteles, ainda que já esteja presente em Platão) do filosofar enquanto uma *tarefa infinita* (Edmund Husserl, 2014, p. 143) por ser o seu o objeto de desvelamento a própria realidade humana, que está em contínuo ultrapassamento de si. Essa ideia de filosofar reaparece com mais evidência nas escolas do período helenístico, sobretudo no epicurismo, que possui como ponto de partida os sentidos imediatos da vida humana.

<sup>50</sup> “[...] contact avec le monde qui précède toute pensée sur le monde” Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la méthaphysique”, 1966, p. 36, tradução nossa.

metafísicos, o existencialismo é o fundo no qual ambos se entrelaçam. Contudo, é preciso ser cautelosa ou cauteloso no momento de articular essas duas dimensões de sua filosofia – a teórica e a literária – na medida em que elas surgem como contrárias, mas não contraditórias.<sup>51</sup> Os seus romances e o seus ensaios teóricos são filosóficos, mas disso não se segue a inferência apressada e geral de Pedro Rhavel Teixeira de que, “em sua obra, filosofia é literatura e literatura é filosofia”<sup>52</sup>. Primeiro, deveríamos compreender melhor o que Simone de Beauvoir assumiu como filosofia e literatura, mas tendo em conta o nosso objetivo, não nos deteremos com a profundidade necessária a respeito dessa questão, aqui. Para ela, a filosofia é, simultaneamente, doutrina e maneira de viver; a sua concepção de filosofia é, pois, um retorno e retomada de uma tradição das filosofias antigas, “que embora envolvesse física e lógica difíceis, propusera também uma atitude concreta a todos”<sup>53</sup>, cujo fim era “desvelar a verdadeira medida do homem [*sic!* ser humano] e de seus valores”<sup>54</sup>. Assim, a sua doutrina filosófica, cujo objetivo, como vimos, já não é explicar, mas descrever experiência humana – expressa em sua obra escrita, não somente em sua prática – foi apresentada tanto em seus textos teóricos quanto em seus textos literários. Toda a sua literatura é *uma* expressão de sua filosofia, mas a sua filosofia não é, por completo, exprimida em sua literatura; ela a expôs também em seus ensaios e em suas ações que, obviamente, não são literatura. E esta, em sua concepção, é expressão da própria experiência vivida, por meio do qual é possível comunicar o que há de mais singular em cada ser humano, de revelar a dimensão metafísica da existência humana em suas cores vivas. Em termos simplificativos: a relação dicotômica entre filosofia e literatura, no contexto beauvoiriano, é desfeita; a sua literatura é filosófica, e sua filosofia é uma doutrina e maneira de viver, que visa

<sup>51</sup> Adiante mostraremos a diferença entre um texto literário e um texto teórico dentro do contexto da obra beauvoiriana.

<sup>52</sup> Pedro Rhavel Teixeira, “literatura e metafísica na filosofia de Simone de Beauvoir”, p. 519.

<sup>53</sup> “[...] tiene la intención de revivir la gran tradición de la sabiduría antigua que también involucra una física y una lógica difíciles, aunque propuso una actitud humana concreta para todos los hombres.” Simone de Beauvoir, “¿Qué es el existencialismo?”, 2019, p. 37, tradução nossa.

<sup>54</sup> Simone de Beauvoir, “Uma existencialista observa os americanos”, 2018, p. 139.

o desvelamento da realidade humana, a qual ela buscou expressar, em sua totalidade, em três dimensões: na prática, na teoria e na literatura.<sup>55</sup>

Feito esse diapasão necessário, podemos retornar ao que o existencialismo compreende por metafísica.<sup>56</sup> Em 1945, Simone de Beauvoir escreveu que “não se ‘faz’ metafísica como se ‘faz’ matemática ou física. Na realidade ‘fazer’ metafísica é ‘ser’ metafísico, é realizar em si uma atitude metafísica que consiste em pôr-se na sua totalidade em face a totalidade do mundo”<sup>57</sup>; e Merleau-Ponty, em 1947, que “fazer metafísica não é entrar num mundo de conhecimento separado, nem repetir fórmulas estereis [...] – é ter experiência plenas dos paradoxos que indicam”<sup>58</sup>. A metafísica, como é-nos possível perceber, revela-se na experiência que o ser humano tem em relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Nessas relações, é-lhe revelado a sua condição paradoxal de ser uma ambiguidade: de que ele é, simultaneamente, corpo e espírito, objeto e sujeito, facticidade e liberdade, imanência e transcendência, carne e consciência, singular e universal, individual e coletivo, eu e outro. E é, exatamente, nessa condição paradoxal, cuja implicação essencial é a de que ele é também uma totalidade-destotalizada em situação no mundo, que a dimensão metafísica da existência se situa. Ao aperceber-se de sua condição paradoxal de ser uma ambiguidade no mundo, o ser humano tem uma consciência metafísica de si;<sup>59</sup> por exemplo, ao aperceber-se de que não é possível sentir e ter consciência desse sentir, simultaneamente, devido a sua condição temporal de ser sempre um vir-a-ser; ou de que uma verdade universal acerca da condição humana sempre é experienciada por ele, singularmente, mas que ainda assim não deixa de ser universal. A metafísica, aqui, não está nas ideias em si, não é o estudo do ser pelo

<sup>55</sup> Essa concepção de filosofia beauvoiriana permanece sendo negligenciada, no contexto geral dos estudos de seu pensamento. Uma das principais estudiosas de seu pensamento, Debra Bergoffen, em *The philosophy of Simone de Beauvoir*, argumentou, por exemplo, que “o que faz Simone de Beauvoir uma filósofa não é o fato de que seus escritos literários são repletos de ideias filosóficas (nisto, ela é como Milan Kundera), mas o fato de que ela escolheu escrever obras filosóficas e desenvolver suas ideias filosoficamente” (Debra Bergoffen, 1997, p. 05, *tradução nossa*). Aqui, ela pressupõe uma concepção de filosofia que é alheia ao pensamento beauvoiriano – a que reduz a filosofia a tratados teóricos.

<sup>56</sup> É importante dizer que Sartre também compartilhou dessa concepção de metafísica, conforme Thana de Souza (2008, p. 71). Tendo em conta o nosso objetivo e escopo de análise, limitar-nos-emos aos textos de Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty.

<sup>57</sup> Simone de Beauvoir, “Literatura e Metafísica”, 1967, p. 87.

<sup>58</sup> Maurice Merleau-Ponty, “O metafísico no homem”, 1975, p. 382.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 378.



ser, mas nas relações do existente. “O fato metafísico fundamental”, segundo Merleau-Ponty, “é esse duplo sentido do *Cogito*: estou seguro de que há o ser – sob a condição de não procurar uma outra modalidade de ser que não o ser-para-mim”<sup>60</sup>. Não é permitido ao ser humano renunciar a sua própria experiência do mundo, mas o mundo não se reduz a experiência que ele tem dele. E é somente a partir do momento em que ele reconhece a sua experiência *como sua*, que pode se abrir para o que não é ele. E, por isso mesmo, “a metafísica é o propósito deliberado de descrever o paradoxo da consciência e da verdade, da troca e da comunicação, paradoxo onde vive a ciência que o reencontra sob os aspectos de dificuldades [...], sem nunca tematizá-lo”<sup>61</sup>. O ser humano não pode atingir o universal abandonando a sua “particularidade, mas, fazendo dela um meio para alcançar os outros, em virtude de uma afinidade misteriosa que faz com as situações se compreendam entre si”<sup>62</sup>. O germe da universalidade se encontra no seio das percepções particulares. A universalidade não é um absoluto absolutamente, mas um absoluto em relação ao existente. É somente a partir de uma situação concreta que se pode alcançar um universal, e não ao contrário. Com isso, a metafísica surge como uma recusa do sistema teórico tautológico, tal como da ideia de um sujeito absoluto, na medida em que ambos são uma tentativa da negação da condição paradoxal do ser humano de ser ambiguidade, em contínuo movimento de transcendência de si – o que faz dele uma totalidade *aberta* e, conseqüentemente, destotalizada. Ela não está associada a um conjunto de conceitos abstratos ou a uma realidade externa independente de uma perspectiva humana particular, mas à ideia de totalidade, no caso, de totalidade-destotalizada, que é, estruturalmente, o ser humano; “não é um conhecimento que viria terminar o edifício dos conhecimentos; é um saber lúdico daquilo que os ameaça e a consciência aguda de seu preço”<sup>63</sup>; é a certeza da interrogação, sendo a sua condição a contingência. Ela pode ser percebida, com frequência, nas crianças quando estão a descobrir, com espanto, a própria existência no mundo. Esse espanto é a indicação da aprecepção metafísica de si. A experiência de Alice

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 378.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 378.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 377.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 380.

– a descoberta da “ipseidade” – descrita por Lewis Carroll em *Alice no país das maravilhas*, é, segundo Simone de Beauvoir, um exemplo de uma experiência metafísica.<sup>64</sup>

A aparição da metafísica não se dá, portanto, em outro lugar que não na experiência concreta do indivíduo no mundo cotidiano. A filosofia existencialista, ao invés de negá-la, reabilita-a, nesses termos. O erro da metafísica clássica, conforme a filósofa, foi reduzir a metafísica a somente um dos aspectos da verdade da condição humana – o universal – quando, em verdade, ela é um entrelaçamento do universal com o singular, constituindo uma totalidade que engloba todos os aspectos do ser humano; e, conseqüentemente, todos os filósofos que pretenderam negar a “metafísica”, negaram-na assumindo essa concepção imprecisa. Nesse sentido, Simone de Beauvoir argumentou que “todos os acontecimentos humanos possuem, para além de seus contornos psicológicos e sociais, uma significação metafísica”<sup>65</sup>, por meio da qual o ser humano se engaja por completo. Um exemplo: a situação de opressão feminina, para além de suas dimensões fisiológica, histórica, social, política, erótica ou psicológica, possui uma dimensão metafísica, que se revela na ideia mistificada de *Outro Absoluto* que a mulher é conduzida a encarnar; por meio dela, podemos compreender o conjunto de sua situação. Ao encarnar essa ideia, a mulher sente a contradição entre ser obrigada a ser um *ser* – a Mulher – e ser uma *falta de ser* – a condição humana. Essa dimensão metafísica, *que envolve toda a sua existência*, é refletida em todas as outras dimensões de sua vida, de modo que é por seu intermédio que essas outras dimensões, aparentemente irreconciliáveis se forem tomadas isoladas, podem se conciliar.<sup>66</sup> A dimensão metafísica é, pois, a dimensão na qual todas as outras dimensões da existência encontram-se entrelaçadas, constituindo uma totalidade-destotalizada, fazendo com que o humano sempre a experiencie de maneira situada e destotalizada – ele não pode vivenciar e se aperceber de todos os aspectos de sua dimensão de uma só vez. A mulher, no mundo vivido, ao descobrir-se um *Outro*, sofre um drama metafísico, sentido um conflito entre a totalidade de sua existência e a totalidade do mundo que se apresenta a ela;

<sup>64</sup> Simone de Beauvoir, “Literatura e Metafísica”, 1967, p. 88.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 92.

sentido uma ruptura de si, que a atinge por completo. Nesse drama metafísico, a ideia mistificada de mulher como *Outro Absoluto* é sentida por ela, em situação no mundo. Ao ter consciência de sua condição, ela tem uma consciência metafísica de si: mesmo a ideia mistificada de *Outro Absoluto* sendo uma ideia universal, esta aparece-lhe sempre de maneira singular, ainda que ela não seja a única mulher a reconhecê-la. A metafísica não está na ideia em si de *Outro Absoluto*, mas na experiência que a mulher tem dela; nessa experiência, há uma articulação do universal com o singular. Aqui, o paradoxo de sua condição de ser tanto singular quanto universal é evidenciado. Além disso, a *reação* que ela tem diante dessa situação metafísica – a de aperceber-se de que está a encarnar o *Outro absoluto* – é decisivo para a sua existência. Nessa situação, o ato de assumir-se ou de negar-se a ser um *Outro* seria, para a filósofa, uma atitude metafísica, por movimentar a sua existência como um todo, de modo decisivo. E ao enfatizar não somente o momento da apercepção de si, mas também a maneira como a pessoa *reage* a ela, Simone de Beauvoir busca também explorar as implicações morais de uma situação metafísica.

Então, ao propor a existência de um romance metafísico, ela está propondo uma maneira de expressar o que ela se referiu como dimensão metafísica ou filosófica da vida humana, sem tentar sistematizá-la ou conceitualizá-la. É a própria “matéria prima”, por assim dizer, do que se converte em objeto de análise em seus textos teórico-filosóficos, embora tanto os seus romances quanto os seus ensaios sejam fundados a partir da experiência vivida. É nesse horizonte que Merleau-Ponty, em sua análise, de 1945, a respeito do romance beauvoiriano inaugural – *A convidada* – contrapondo-se às leituras superficiais que definiram o romance como psicológico, argumentou que Simone de Beauvoir estava a revelar o metafísico no seio da experiência humana, cuja consequência era a conciliação entre as tarefas da literatura e da filosofia. Disso não se segue, porém, como já indicamos, que “filosofia é literatura e literatura é filosofia”. Os limites da filosofia e da literatura – ou melhor, da filosofia teórica e da literatura filosófica – foram bem definidos pela tradição existencialista. “A função [da ou] do romancista não é tematizar ideias, é fazer com que elas existam diante de nós à

maneira das coisas”<sup>67</sup>. Ela ou ele não explora no plano literário verdades previamente estabelecidas no plano filosófico, mas “manifesta um aspecto da experiência metafísica que não pode manifestar-se de outro modo: o seu aspecto subjetivo, singular, dramático e também, a sua ambiguidade”<sup>68</sup>. Não foi por acaso que o existencialismo se propôs o uso tanto de textos teóricos quanto de textos literários; sua meta, com o reconhecimento dessas duas técnicas de expressão e compreensão, foi apresentar e reconciliar ambos os aspectos da verdade da condição humana – o objetivo e subjetivo, o absoluto e o relativo, o intemporal e o histórico, o universal e o singular – uma vez que nem a filosofia teórica e nem a literatura filosófica, se fossem tomadas isoladamente, poderiam abarcar a condição humana em sua totalidade. E, exatamente, por essa razão, elas são interdependentes. Contudo, um ensaio teórico-filosófico não pode, em nenhum sentido, ser confundido com um romance metafísico. Enquanto o primeiro realiza uma reconstrução intelectual e conceitualizada da experiência humana, o segundo retrata essa experiência tal como ela se apresenta no mundo. Essa diferenciação, por sua vez, evidencia-nos que tanto o ensaio quanto o romance são modos insubstituíveis de comunicação e expressam – de maneiras diferentes – os aspectos da verdade da vida humana, que um não poderia realizar no lugar do outro: enquanto no plano teórico, há uma conceitualização mais ou menos sistematizada das significações da experiência vivida, no plano literário, elas são evocadas em sua singularidade concreta.<sup>69</sup>



A metafísica é uma dimensão humana que se revela por meio de uma atitude no mundo que envolve a totalidade da existência diante da totalidade do mundo ou de outra existência. Nessa dimensão, encontram-se entrelaçados os

<sup>67</sup> “La fonction du romancier n'est pas de thématiser ces idées, elle est de les faire exister devant nous à la manière des choses”. Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la métaphysique”, 1966, p. 34, tradução nossa.

<sup>68</sup> Simone de Beauvoir, “Literatura e Metafísica”, 1967, p. 91.

<sup>69</sup> Simone de Beauvoir, “Mi experiencia como escritora”, 2019, p. 102.

aspectos objetivos e subjetivos de uma experiência humana, que constituem a sua totalidade. Tal entrelaçamento revela uma outra concepção beauvoiriana, que nos ajudará a desvelar o seu romance, a de *situação*. Esta, segundo a filósofa, “permite definir concretamente conjuntos humanos sem os escravizar a uma fatalidade intemporal”<sup>70</sup>. A situação é constituída não somente por um lugar no espaço, mas como o indivíduo se relaciona com ele; ela envolve também tudo o que forma a sua individualidade, o seu passado, a sua formação, a sua classe, as suas relações, os seus projetos, etc.<sup>71</sup> E o mundo, nessa perspectiva, “não é nada mais do que um entrelaçamento de todas as situações humanas que se envolvem entre si”<sup>72</sup>. Ele, daí, é uma totalidade-destotalizada que os seres humanos só conseguem expressar e compreender de maneira destotalizada, a partir de sua situação. E dizer que o mundo é uma totalidade-destotalizada significa, como já o apontamos, que ele não pode ser apreendido e expressado de uma só vez, por somente uma forma de compreensão. Como vimos, não somente o mundo é uma totalidade-destotalizada, mas o próprio ser humano também o é. Ele também não pode apreender nem expressar a sua totalidade, de uma só vez; encontra-se sempre situado. Nesse contexto, Simone de Beauvoir elabora as suas personagens, que expressam – por meio de suas atitudes – a dimensão metafísica da existência. Esta, só pode ser compreendida dentro da situação em que surge. A personagem não é mais, dentro do romance metafísico, “um objeto entre os outros, mas tem uma absoluta necessidade de realizar um ato, como um sujeito obrigado a ser consciente de si mesmo em relação aos problemas que ele tem que resolver e que só ele pode resolver, porque não há nenhuma solução fora dele”<sup>73</sup>. As atitudes de Françoise só podem ser compreendidas à luz de cada situação em que ela se encontrava; Simone de Beauvoir não visa, por exemplo, descrever as propriedades físicas de determinado lugar, nem descrever os estados psicológicos de suas personagens, mas mostrar “as suas atitudes para com as grandes

<sup>70</sup> Simone de Beauvoir, *A força das coisas*, 2018, p. 140.

<sup>71</sup> Simone de Beauvoir, “Que peut la littérature?”, 2012, p. 336.

<sup>72</sup> “[...] le monde qui n’est rien d’autre que le tournoiement de toutes ces situations qui s’enveloppent les unes les autres” *Ibidem*, p. 336, tradução nossa.

<sup>73</sup> “[...] un objeto entre otros, sino en la absoluta necesidad de lograr un acto, como un sujeto obligado a ser consciente de sí mismo en relación con los problemas que tiene que resolver y que sólo él puede resolver, porque no hay ninguna solución fuera de él.” Simone de Beauvoir, “Viejos y nuevos héroes”, 2019, p. 165, tradução nossa.

realidades: a morte, a existência dos outros, o sofrimento, a vida”<sup>74</sup>. As personagens beauvoirianas são, pois, definidas por suas reações a essas grandes realidades, isto é, situações metafísicas; elas não possuem um caráter em si: suas decisões só podem ser compreendidas à luz de sua situação. Dito isso, podemos adentrar em *A convidada*, a fim de tornar mais clara a dimensão metafísica da existência, na concepção beauvoiriana.

A história principal do romance, como já o dissemos, é a de Françoise, uma mulher branca, de classe média, de trinta anos. Da primeira à segunda parte do drama, ela descobre-se um outro para o outro e a existência de outra consciência – que existe com igual evidência que a sua – Xavière. Nos primeiros capítulos da primeira parte, Françoise surge como espectadora indiferente da própria vida; entre a sua vida e o mundo, para ela, não havia diferença. Essa sua característica pode ser percebida na sua atitude em relação às pessoas que estavam a dançar no salão, entre elas Elizabeth, sua cunhada, e Xavière, sua jovem amiga. Françoise observava as pessoas que estavam ao seu redor, e pensava: “se eu me afastar delas, irão se desfazer imediatamente, como uma paisagem abandonada”<sup>75</sup>. Ela sentia-se privilegiada no mundo, o centro do mundo era o seu mundo, ao qual associara Pierre, seu companheiro; não o enxergava, porém, como um outro: formavam um *nós*; entre eles existia apenas uma vida. E os outros, em sua concepção, precisavam dela para existir, assim como o teatro precisava dela para ter vida, e o salão de dança, para ter existência. Essa era a sua missão: dar vida às coisas e aos outros. Françoise, ainda na cena do salão de dança, continuou a observar, a escutar a música, música esta que Elisabeth transformava em esperança, e Xavière, em expectativa. Elisabeth sofria por um amor que nem tinha certeza se existia, mas que havia sacrificado a si mesma por ele, e Xavière era tão jovem, que para ela tudo ainda era possível. E Françoise, em que transformava a música? Não encontrava nada dentro de si. Era apenas uma espectadora. Para ela, tudo era claro, puro e seguro. Já não conhecia “o risco, a esperança, o receio: só possuía a felicidade sobre a qual, aliás, nem podia exercer

<sup>74</sup> “[...]según su actitud ante las grandes realidades: la muerte, la existencia de los demás, el sufrimiento, la vida.” Simone de Beauvoir, “Viejos y nuevos héroes”, 2019, p. 168, tradução nossa.

<sup>75</sup> Simone de Beauvoir, *A convidada*, 1985, p. 34.



qualquer influência”<sup>76</sup>. Françoise, neste momento de sua vida, nada tinha a lamentar. Uma espécie de possessão, contudo, causava-lhe alegria: a de anexar os outros à sua existência, mas não por satisfação pessoal, ela não tinha uma vida privada, pois “coexistia em todos os outros e no mundo inteiro”<sup>77</sup>, como observou Merleau-Ponty. No fim da noite, o convite a Xavière, jovem de Rouen, de ir morar em Paris foi lançado por Françoise, que seguiu o conselho de Pierre. Xavière, por medo do futuro, custou a aceitar o convite, mas Françoise a convenceu; havia decidido “fazê-la feliz, afinal, para ela, Xavière era sua”<sup>78</sup>. Eis aqui o início de um fim, embora todo fim indique o começo de algo.

Ainda na primeira parte, dois elementos indispensáveis encontram-se presente, apesar de apenas um deles ser enaltecido pela maioria das e dos intérpretes da obra: a renúncia de Françoise a Gerbert. Se não considerarmos o segundo elemento, tão importante quanto o primeiro, teremos outro resultado em relação à interpretação do desfecho do drama. O segundo elemento é o remorso de Françoise em relação a Pierre. Françoise perdera há oitos anos as alegrias da solidão. “Por vezes sentia essa perda como um remorso”<sup>79</sup>, apesar de não reconhecê-lo para si mesma, neste momento. Ela ainda se reconhece como consciência pura, a sua pureza não admite remorsos, e ainda, a fez negar o próprio corpo; Xavière, em contrapartida, era a “impureza” personificada, ela era o próprio corpo. Por isso, o romance, em concordância com Merleau-Ponty, mostra a existência “entre *dois limites*, por um lado, o imediato fechado em si mesmo [...], Xavière, por outro uma confiança absoluta na linguagem e nas decisões racionais, uma existência que se esvazia transcendendo a si mesma, Françoise no começo do livro”<sup>80</sup>. Simone de Beauvoir encarnou “em Xavière a opacidade de uma consciência fechada em si mesma”<sup>81</sup>, ela nunca a mostrou, pois, de dentro.

---

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>77</sup> “[...] elle coexistent tous les autres et le monde entier” Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la méthafisique”, 1966, p. 39, tradução nossa.

<sup>78</sup> Simone de Beauvoir, *A convidada*, 1985, p. 43.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>80</sup> “[...] entre deux limites, d'un côté l'immédiat fermé sur lui-même [...] – c'est Xavière – de l'autre une confiance absolue dans le langage et dans les décisions rationnelles, une existence qui se vide à force de se transcender, c'est Françoise au début du livre.” Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la méthafisique”, 1966, p. 50, tradução nossa, grifos nossos.

<sup>81</sup> Simone de Beauvoir, *A força da idade*, 2018, p. 279.

Nós só temos acesso às ações de Xavière em seus efeitos descritos por outras personagens, não em suas intenções e pensamentos.

Com a chegada de Xavière, há uma reviravolta na vida do casal. É a sua aparição “que revela o drama metafísico que Pierre e Françoise conseguiram esquecer pela força da generosidade. Eles obtiveram, cada um à sua maneira, a aparência de felicidade e plenitude através de uma renúncia geral”<sup>82</sup>. Françoise e Pierre “eram livres para serem amados, mas não para amar, eles são confiscados um pelo outro”<sup>83</sup>. Por isso, Françoise renunciou a Gerbert no início da narrativa e acreditou que Pierre não amaria Xavière. No primeiro encontro de Xavière e Pierre, Françoise apercebeu-se de que Pierre possuía uma individualidade, podia olhar o outro com os próprios olhos e realizar juízos diferentes dos seus, afinal, Pierre e Françoise não enxergavam Xavière da mesma maneira. Eram eles ainda um? Existia, de fato, um nós? Simone de Beauvoir, por meio dessa situação, “confessou a si mesma que era abusivo confundir um outro e [ela] mesma sob o equívoco desta palavra demasiadamente cômoda: nós”<sup>84</sup>. Neste episódio do romance, ela nos permite compreender que há “experiências que cada um vive por sua conta”<sup>85</sup> e se Françoise dizia: “somos um só”, trapaceava consigo mesma. Afinal, o “nós” poderia existir na realidade? “Entre dois indivíduos a harmonia nunca é dada, precisa ser conquistada continuamente”<sup>86</sup>. Françoise e Pierre conseguiram acreditar que o seu amor era imutável, retirando-o do tempo, retirando-o do mundo. Com isso, “ele parecia desafiar o tempo apenas na medida em que havia perdido a realidade”<sup>87</sup>.

Na medida em que Françoise apercebe-se que eles não haviam conseguido superar a individualidade com o amor por eles engendrado, em que cultuavam a

---

<sup>82</sup> “La présence de Xavière révèle brusquement le drame métaphysique que Pierre et Françoise avaient réussi à oublier à force de générosité. Ils ont obtenu, chacun à sa façon, l'apparence du bonheur et de la plénitude par une renonciation Générale.” Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la méthafisique”, 1966, p. 41, tradução nossa.

<sup>83</sup> “Françoise comme Pierre demeure libre d'être aimée, mais non pas d'aimer, ils sont confisqués l'un par l'autre.” *Ibidem*, 1966, p. 40, tradução nossa.

<sup>84</sup> Simone de Beauvoir, *A força da idade*, 2018, p. 215.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 215.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 215.

<sup>87</sup> “En tout cas, l'amour de Pierre et de Françoise ne semblait défier le temps que dans la mesure où il avait perdu sa réalité.” Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la méthafisique”, 1966, p. 42, tradução nossa.

sinceridade em palavras, ela começa a questionar a própria existência desse amor. Mas como saber se o amor é verdadeiro? Amar é um ato de fé? Ter fé no amor pode significar tanto um ato de coragem ou de preguiça quanto uma indiferença. Françoise sentiu a hostilidade, sem querer reconhecer que esse sentimento existia. Pierre era-lhe tão íntimo que ela não o distinguia de si mesma e, exatamente por essa razão, tornou-se mais desconhecido para ela do que um estranho. A cada encontro de Pierre e Xavière que Françoise assistia, Pierre estava-lhe se tornando um estranho e a hostilidade dentro de si em relação a Xavière crescia. “As palavras de Pierre e os seus sorrisos, quando dirigidos a ela, representavam o próprio Pierre. Subitamente, porém, tinham passado a significar apenas sinais ambíguos”<sup>88</sup>. “As palavras”, agora, “nada mais podem fazer do que nos aproximar do mistério, sem o tornarem menos impenetrável”<sup>89</sup>. Isso a inquietava, a hostilidade era-lhe um sentimento desconhecido e não dissipava-se! Françoise, no entanto, amava Xavière, mas o melhor seria renunciá-la a Pierre. Ora, ela já havia renunciado a Gerbert.

Embora tentemos adiar a existência inquietante do outro, ela pode ser apenas sublimada ou reprimida, mas nunca removida,<sup>90</sup> conforme Merleau-Ponty. A existência do outro é diferente da existência, por exemplo, de uma xícara de café com bordas vermelhas; a existência possui a capacidade de saber que existe, de pensar a si mesma. Ela é também uma consciência, e se está consciente, devo deixar de ser. Xavière existia, Françoise não podia negar. Françoise deixou de ser “uma privilegiada natural no coração das coisas: existe um centro do mundo do qual foi excluída, é o lugar onde Pierre e Xavière devem se encontrar”<sup>91</sup>. Para Françoise, “o futuro deixa de ser a extensão natural do presente, o tempo fragmenta-se. [...] Ela agora sabe que existem situações incomunicáveis que só podem ser compreendidas ocupando-as”<sup>92</sup>. Françoise

<sup>88</sup> Simone de Beauvoir, *A convidada*, 1985, p. 157.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 159.

<sup>90</sup> Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la métaphysique”, 1966, p. 39.

<sup>91</sup> “Elle n'est plus comme par un privilège naturel au cœur des choses : il y a un centre du monde d'où elle est exclue, c'est l'endroit où Pierre et Xavière doivent se retrouver.” Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la métaphysique”, 1966, p. 42, tradução nossa.

<sup>92</sup> “L'avenir cesse d'être le prolongement naturel du présent, le temps se fragmente [...]. Elle sait maintenant qu'il y a des situations incommunicables et qu'on ne peut comprendre qu'en les occupant.” *Ibidem*, p. 42, tradução nossa.

passou a sentir-se exilada do mundo, sua existência já não pesava na terra. Afinal, quem era ela? Uma pessoa que nunca se olhava no espelho, e quando se olhava parecia não ter um rosto, “cuidava dele como um objeto estranho”<sup>93</sup>. Em seu passado, enxergou sempre os outros e as paisagens, mas nunca a si própria. “Não sou ninguém”<sup>94</sup>, pensou. Não se sentia mais uma consciência pura, como na noite em que saiu com Elizabeth e Xavière. Ao olhar para si, “sabia, com exatidão, o que não era, mas doía conhecer-se apenas por meio de uma série de ausências”<sup>95</sup>. Era uma máscara branca. O mal de ter acreditado nesse privilégio “estava em que se confundindo com tudo, ela não possuía, a seus próprios olhos, figura definida”<sup>96</sup>. Françoise, ao acreditar no próprio mito que ela havia criado de si para si mesma, de que ela era a única consciência absoluta no mundo, esqueceu-se que tinha um corpo. “Eu não sinto que o meu corpo existe”<sup>97</sup>, pensou ela. Esse mito afetou a forma como outros a enxergavam, embora Françoise houvesse tentado acreditar que “não existia para ela própria e tinha a vaga esperança de que seria igualmente para os outros, invisível”<sup>98</sup>, e os outros a viam, ela era um visível no mundo.

O novo casal erguia-se à sua frente, mas Françoise pretendia superá-lo. Diante disso, ela buscou a solidão para ter uma conversa consigo mesma que sempre postergava, mas encontrou, ao invés disso, o abandono! Françoise sempre dizia “nosso passado”, “nosso projeto”, “nossa vida”, “nossas ideias”, mas nunca dizia “Eu”. Ao tentar encontrar-se consigo mesma, ela só encontrou um vazio, não podia apoiar-se em si mesma, “literalmente, ela não tinha um Eu. Era pura transparência, sem fisionomia nem individualidade”<sup>99</sup>. “Há tantos anos que deixara de ser alguém!”<sup>100</sup>. Sentiu-se mal, não estaria ela doente? Sentiu um alívio com essa ideia. Estava libertada de si, agora, ela era um corpo doente. Os problemas da Françoise Miquel não existiam entre as quatro paredes brancas daquele hospital em que ela havia se transformado na paciente nº 31. Como

<sup>93</sup> Simone de Beauvoir, *A convidada*, 1985, p. 279.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 279.

<sup>95</sup> *Ibidem*, p. 279.

<sup>96</sup> Simone de Beauvoir, *A força da idade*, 2018, p. 277.

<sup>97</sup> Simone de Beauvoir, *A convidada*, 1985, p. 185.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 45.

<sup>99</sup> Simone de Beauvoir, *A força da idade*, 2018, p. 277.

<sup>100</sup> Simone de Beauvoir, *A convidada*, 1985, p. 210.

poderia Françoise Miquel ser uma doente como outra qualquer, uma estatística? De “sujeito absoluto, tudo abarcando, subitamente reduzia-se a uma ínfima parcela do universo; a doença acabava de convencê-la”, assim como convenceu a própria Simone de Beauvoir: “ela era um indivíduo entre os outros, um indivíduo qualquer”<sup>101</sup>. Ao reconhecer que não era uma consciência pura e transparente, Françoise reconhece que possui um corpo, que é uma mulher branca de trinta anos. Ela percebe que nada estava decidido ainda sobre o futuro, deixou de acreditar que a sua vida fosse fechada, que já estava pronta. Sempre se pode recomeçar, o futuro é incerto. “A doença que ocorre é uma espécie de solução provisória”<sup>102</sup>. Afinal, temporariamente, ela tinha rompido com a vida. Françoise, “agora sabe que há uma solidão, que cada um decide por si mesmo, que cada um é condenado pelas suas ações, ela perdeu a ilusão de comunicação sem obstáculos, a da felicidade dada e a da pureza”<sup>103</sup>.

Na ausência de Françoise, Pierre e Xavière chegaram à conclusão que se amavam. Porém, Pierre queria que Xavière dissesse, para ele e Françoise, que ela o amava, mas Xavière o responde: “cada um é como nasce, e não gosto de expor minha alma em público”<sup>104</sup>. Pierre, com seu imperialismo, sentia a necessidade metafísica de existir *para* o outro, não *com* outro. Françoise, por outro lado, compreendia a angústia de Xavière de uma maneira sororal, diante Pierre, que exigia o seu “triunfo de macho”. O período de repouso de Françoise chega ao seu término, Xavière e Pierre vieram contar-lhe a sua história de amor, para que fosse “santificada” por ela, um ídolo dócil. Surge o trio. Esse trio sucumbirá, embora aos olhos de Elizabeth ele fosse perfeito. E de quem será a culpa? De Pierre, por ter olhado por um buraco de fechadura do quarto de Xavière, quando ela e Gerbert beijavam-se? De Françoise, devido aos seus ciúmes? Ou de Xavière, por causa de seu exclusivismo? Não nos é possível saber, mas a culpa é de cada um,

<sup>101</sup> Simone de Beauvoir, *A força da idade*, 2018, p. 277.

<sup>102</sup> “La maladie qui survient est une sorte de solution provisoire.” Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la métaphysique”, 1966, p. 43, tradução nossa.

<sup>103</sup> “Elle sait désormais qu’il y a une solitude, que chacun décide pour soi, que chacun est condamné à des actes siens, elle a perdu l’illusion de la communication sans obstacles, celle du bonheur donné et celle de la pureté.” *Ibidem*, p. 44, tradução nossa.

<sup>104</sup> Simone de Beauvoir, *A convidada*, 1985, p. 244.

“cada um é totalmente responsável”<sup>105</sup>, como enfatizou Merleau-Ponty. Françoise esperou, observou e sofreu sordidamente cada momento do “círculo mágico” com Pierre e a pérola negra, Xavière. O trio asfixiava-a. Sentia-a totalmente eclipsada diante do “colóquio amoroso” entre Xavière e Pierre. O trio não era um trio,<sup>106</sup> como bem observou Merleau-Ponty. O ato de amar exige uma totalidade de quem ama e de quem é amado. “A presença de um terceiro, mesmo que seja também amada, cria um motivo oculto no amor um do outro, de um pelo outro”<sup>107</sup>. O trio só existiria se não pudéssemos distinguir casais dentro dele. Eles não viviam em três, mas de “dois em dois em cumplicidades alternadas, com, de quando em quando, uma reunião plenária [...]. O fracasso do trio, [porém], (como o sucesso de um casal) não pode ser explicado por alguma predisposição natural”<sup>108</sup>, pois o que une as pessoas são os projetos conjuntos que fazem.

Embora Françoise já se reconhecesse como um outro para os outros, ela ainda não havia escolhido a si mesma. Na noite em que os três saíram com Paule, Françoise reconheceu que poderia sentir ciúme, rancor, sentimentos que sempre recusara, “sob o vão pretexto de conservar-se pura, que nada mais fizera do que criar um vácuo em seu íntimo”<sup>109</sup>. Xavière, pelo contrário, que era o que sentia, sempre se afirmou completamente, “era ela quem pesava neste mundo [...]. Françoise não ousara ser ela própria; compreendia agora, numa explosão de sofrimento, que essa covardia hipócrita a levava a não ser nada”<sup>110</sup>. Xavière exigia, por conseguinte, que Pierre sacrificasse Françoise. Esta sentiu a presença inimiga, sentiu a sua condenação. “Era como a morte: uma negação total, uma ausência eterna”<sup>111</sup>. Françoise deixou-se levar por essa existência tão segura de si, que ela própria estava autoaniquilando-se, haja vista que, frequentemente, reconhecia-se através dos sentimentos de Xavière. Não foi possível negar a sua

<sup>105</sup> “Chacun est totalement responsable.” Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la métaphysique”, 1966, p. 45, tradução nossa.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>107</sup> “La présence d'un tiers, même et justement s'il est aimé lui aussi, introduit une arrière-pensée dans l'amour de chacun pour chaque autre.” *Ibidem*, p. 44, tradução nossa.

<sup>108</sup> “[...] deux à deux dans des complicités alternées, avec, de temps à autre, une réunion plénière [...]. l'échec du trio (comme le succès d'un couple) ne peut pas être mis au compte de quelque prédisposition naturelle.” *Ibidem*, p. 45, tradução nossa.

<sup>109</sup> Simone de Beauvoir, *A convidada*, 1985, p. 347.

<sup>110</sup> *Ibidem*, p. 347.

<sup>111</sup> *Ibidem*, p. 351.



angústia, ao descobrir que ser um outro para outros implicava reconhecer que esses outros possuem consciências absolutas para si. Pierre já não podia devolvê-la a paz. A escolha de reafirmar a sua existência só dependeria dela mesma. Mas como conciliar várias consciências absolutas? “Há aqui um mistério tão grande como o do nascimento e da morte”<sup>112</sup>, afirmou Pierre a Françoise. “O que me surpreende é que você seja atingida de forma tão concreta por uma situação metafísica”<sup>113</sup>, continuou ele. “Mas trata-se de uma coisa bem concreta: todo sentido de minha vida se encontra em jogo”<sup>114</sup>, respondeu Françoise.

Françoise resolve levar em consideração suas próprias vontades. Por que ela havia renunciado a si mesma, a Gerbert e a Xavière, afinal, aquele formalismo oco já não havia sentido? Quando Gerbert e ela resolvem declarar os seus sentimentos de um para com o outro, podemos perceber a ambiguidade das ações de ambos no decorrer da obra, como cada ação de um pode ser interpretada de uma maneira distinta pelo outro. Françoise fez o que queria há muito tempo: dormiu com Gerbert. Este ato, porém, foi interpretado como vingança por Xavière. Seria realmente uma vingança de Françoise em relação a Xavière? Não seria de fato um desejo seu antigo? “Como aquele amor inocente se tornou uma traição?”<sup>115</sup>, pensou Françoise. “Xavière existia. A traição de Françoise existia”<sup>116</sup>. Françoise não se reconheceu na imagem que Xavière havia engendrado dela: “mulher abandonada, armada apenas de uma paciência”<sup>117</sup>. Para Xavière, Françoise tinha ciúmes porque Pierre gostava dela. E Françoise conseguiu afastá-lo e, para melhor se vingar, roubou-lhe Gerbert. Françoise não queria ser a imagem que Xavière enxergava dela. Olhou-se no espelho, reconheceu-se, e disse para si mesma: “Não, não sou essa mulher”<sup>118</sup>. Não havia outra solução possível para Françoise, a não ser a eliminação daquela existência que buscava, segundo a sua percepção, a sua morte.<sup>119</sup> “Ou ela ou eu. Serei eu”. Finalmente, Françoise

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 363.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 363.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 363.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 474.

<sup>116</sup> *Ibidem*, p. 480.

<sup>117</sup> *Ibidem*, p. 475.

<sup>118</sup> *Ibidem*, p. 483.

<sup>119</sup> Simone de Beauvoir (2018, p. 375) iniciou seus estudos em Hegel em 6 de julho de 1940, quando o seu romance já estava completamente pronto. Ainda que a epígrafe de seu romance seja uma citação de Hegel: “Toda consciência visa a morte de outra,” o assassinato de Xavière não foi

consegue acreditar na palavra “*Eu*”, e toma a decisão de, verdadeiramente, afirmar-se no mundo, assassinando Xavière. Esse assassinato reflete a reação da personagem diante de uma situação metafísica – a coexistência.

O desenlace do drama metafísico, a razão de ser do romance inteiro<sup>120</sup> – o assassinato de Xavière – teve um valor existencial e metafísico para Françoise. É-nos possível afirmar a partir do que foi exposto, no decorrer de nosso estudo, que a decisão final dela, só pode ser compreendida à luz da situação em que ela se encontrava. Essa decisão – que só poderia ser feita pela própria personagem – reflete a dimensão metafísica que envolveu a totalidade de sua existência: a apercepção metafísica de si mesma como um outro para o outro e da existência de outra consciência, ainda que tenha tido motivações sentimentais e emocionais, como o seu amor por Pierre e Xavière, e a sua relação com Gerbert. Todavia, faz-se necessário dizer que as noções de bem e de mal não são descritas em si mesmas, ao longo do romance, mas apenas por meio das ações, das coisas, das circunstâncias em que se encontram as personagens, as quais “não acreditam que a vida humana tenha por si mesma, exigências definidas [...]”. Elas tomam o mundo como uma ‘obra inacabada’”<sup>121</sup>. *A convidada*, conforme Merleau-Ponty, por ser um romance metafísico é uma “literatura amoral”<sup>122</sup>, haja vista que a metafísica, como mostramos, já não consiste em um arranjo de conceitos que explicaria a realidade em sua totalidade, e sim na experiência humana de sua condição paradoxal. Se a consequência da concepção da metafísica tradicional foi a elaboração de uma moral que visava fins fixos transcendententes à própria realidade humana, baseados em valores abstratos, a implicação da metafísica existencialista é a moral fundada nas experiências e ações humanas, sem receita ou uma régua que pudesse calcular, *a priori*, o bem e o mal; este ou aquele só existe na medida em que aparece através das ações dos seres humanos, que sempre agem em situação. O romance metafísico é, então, constituído

---

uma “solução apressada de um drama que não sabia como terminar. Foi, ao contrário, o motor, a razão de ser de um romance inteiro” (2018, p. 279).

<sup>120</sup> Simone de Beauvoir, *A força da idade*, 2018, p. 214.

<sup>121</sup> “[...] ils ne croient pas que la vie humaine ait, par elle-même, des exigences définies [...]. Ils prennent le monde comme un ‘ouvrage inachevé’.” Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la méthafisique”, 1966, p. 49, tradução nossa.

<sup>122</sup> “Littérature amoral” Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la méthafisique”, 1966, p. 37, tradução nossa.

entrelaçamento de diferentes situações metafísicas, que só podem ser percebidas mediante as atitudes das personagens, de modo que não é possível dizer qual é a moral da narrativa em sua totalidade, mas apenas das personagens que possuem cada uma, uma moral própria. Cada personagem possui um sistema de valores, sendo impossível qualquer tentativa de universalização desses valores *como regras ou normas*, mas apenas como possibilidades de ação. No decorrer da obra, uma paisagem, um local, um objeto, nunca é descrito ou visto em si mesmo, mas somente por meio do julgamento de alguma personagem. Qualquer situação descrita no percurso da narrativa é mediada pelas palavras de uma determinada personagem. Nesse sentido, seria possível à leitora e ao leitor formular um juízo imparcial e neutro diante das situações metafísicas apresentadas no decorrer do romance? Pensamos que não. Qualquer tentativa para revelar a verdadeira moral da história será uma verdade parcial, realizada por meio de alguma variável apresentada no percurso da narrativa. O propósito do romance metafísico não é ser amoral no sentido ético, mas em sentido metodológico e epistemológico, pois ele não pretende trazer a moral da história, tendo em vista a concepção de metafísica existencialista. Por que Françoise assassinou Xavière? Por que Xavière foi assassinada? Duas perguntas semelhantes, mas singularmente diferentes. Françoise, de fato, sentiu a necessidade de reafirmar a imagem de si mesma? O assassinato era a única solução possível?

O romance metafísico, então, é metafísico porque visa expressar a dimensão metafísica da existência humana – que se apresentará por meio das ações das personagens. A metafísica é, desse modo, revelada no seio da experiência vivida. Ao ser humano não é possível explicá-la, propriamente, mas tão somente descrevê-la e vivenciá-la. Nessa dimensão da existência, como vimos, todas as outras dimensões se conciliam. No momento em que Françoise tem a consciência metafísica de si como um ser-no-mundo, ela se redescobre corpo situado – uma mulher francesa, branca, de classe média, com trinta anos de idade. Foi por meio do corpo doente que ela se reconheceu como indivíduo mortal, de modo que o corpo humano se evidencia como condição de possibilidade para ser-se metafísico. Doravante, o que é “metafísico no ser humano não pode mais ser relacionado a algo além de seu ser empírico, a Deus,

à Consciência, é em seu próprio ser, em seus amores, em seu ódio, em sua história individual e coletiva, que o ser humano é metafísico”<sup>123</sup>. Ao invés de criar uma fatalidade no plano literário, Simone de Beauvoir exprime a contingência humana – a condição da metafísica, da qual o ser humano não fogir. A Françoise do primeiro capítulo, indiferente a si mesma e aos outros, não pensaria a si como aquela que tomaria a decisão de assassinar Xavière, quem muito amava. Françoise, *qua* assassina, não revela um caráter, mas uma situação; somente por meio desta é que a sua motivação pode ser compreendida, e a dimensão metafísica da existência, revelada. A sua motivação foi metafísica, trata-se de um desejo profundo da afirmação absoluta de si diante de outra existência. A coexistência – que é uma condição universal humana, mas que cada indivíduo, de maneira singular, vivencia-a – é apresentada como um problema e drama metafísico, para o qual Simone de Beauvoir, no romance, não apresenta respostas.

### Considerações finais

Embora o romance beauvoiriano, aqui estudado, seja interpretado, frequentemente, como um drama psicológico – o que não seria equivocado, mas apenas superficial – ele é, por definição, um romance metafísico. É pela dimensão metafísica da existência, como vimos, que as suas personagens são definidas. A história de Françoise, que é correlata às histórias das outras personagens, exprime, entre outras coisas, um processo de descoberta de si e dos outros no mundo, enquanto sujeito *situado* no espaço, no tempo e na história; e por consequência, como um corpo. Essa descoberta revela a dimensão metafísica da existência, que faz parte da condição humana. Dessa maneira, buscamos desvelar, ao longo de nosso estudo, o que caracteriza essa dimensão metafísica da existência em sentido beauvoiriano, tendo em conta que ela, não raramente, é negligenciada nos estudos se seu pensamento, ainda que seja o elemento essencial que nos permite compreender, minimamente, qualquer um de seus

---

<sup>123</sup> “[...] métaphysique dans l'homme ne peut plus être rapporté à quelque au-delà de son être empirique, — à Dieu, à la Conscience, — c'est dans son être même, dans ses amours, dans ses haines, dans son histoire individuelle ou collective que l'homme est métaphysique.” Maurice Merleau-Ponty, “Le roman et la méthafisque”, 1966, p. 36, tradução nossa.

romances, dentre eles *A convidada*. Para isso, dividimos este trabalho em dois momentos: primeiro, apresentamos a concepção de metafísica segundo o existencialismo (considerando em específico as abordagens de Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty) e suas noções correlatas, a fim de mostrar o que significa essa dimensão metafísica da existência, que pode ser compreendida como a “essência” de romances beauvoirianos – ainda que em cada um deles Simone de Beauvoir não utilize os mesmos métodos – haja vista que as suas personagens e, por sua vez, os seus dramas, exprimem-se pelas atitudes metafísicas. Segundo, considerando a parte precedente, realizamos uma descrição da crise existencial de Françoise, apontando, a partir das observações de Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty, os elementos que nos permitem mostrar a expressão dessa dimensão, que podem ser reconhecidos, em especial, nas maneiras de agir de cada personagem, que se encontram sempre *em situação*. Apesar de termos nos limitado ao caso de Françoise, esse procedimento pode ser realizado com qualquer uma das personagens beauvoirianas e, exatamente por isso, a dimensão metafísica revela-se um elemento essencial, tendo em vista que ela se trata de uma dimensão irreduzível da vida humana, análoga à dimensão psicológica, conforme a filósofa.

## Referências

ANDRADE, Josiana. Moral beauvoiriana *qua* método: por um retorno a Simone de Beauvoir. *Seara filosófica*, n. 21, p. 105-124, 2020.

BARNES, Hazel E. *The literature of possibility: A study in humanistic existentialism*. London: Tavistock, 1961.

BERGOFFEN, Debra. *The philosophy of Simone de Beauvoir: Gendered Phenomenologies, Erotic Generosities*. Albany: State University of New York Press, 1997.

DE BEAUVOIR, Simone. *A convidada*. Trad. Vítor Ramos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DE BEAUVOIR, Simone. *A força da idade*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

DE BEAUVOIR, Simone. Literatura e metafísica. *In*: DE BEAUVOIR, Simone. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Trad. Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Lisboa: Minotauro, 1967.

DE BEAUVOIR, Simone. Idealismo moral e realismo político. *In*: DE BEAUVOIR, Simone. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Trad. Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Lisboa: Minotauro, 1967.

DE BEAUVOIR, Simone. Uma existencialista observa os americanos. *In*: DE BEAUVOIR, Simone. *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita & outros ensaios*. Trad. Magda Guadalupe dos Santos e Paulo Sartori. Belo Horizonte: Editoras Associadas, 2018.

DE BEAUVOIR, Simone. ¿Qué es el existencialismo?. *In*: DE BEAUVOIR, Simone. *Fragmentos existencialistas y otros textos*. Trad. Leandro Sánchez Marín. Medellín: Ennegativo Ediciones, 2019.

DE BEAUVOIR, Simone. *Os mandarins*. Trad. Hélio de Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

DE BEAUVOIR, Simone. Que peut la littérature? *In*: LECARME-TABONE, Éliane; JEANNELLE, Jean-Louis. *L'Herne Beauvoir*. Paris: Éditions de L'Herne, 2012.

DE BEAUVOIR, Simone. Viejos e nuevos héroes. *In*: DE BEAUVOIR, Simone. *Escritos políticos y filosóficos*. Trad. Leandro Sánchez Marín. Medellín: Ennegativo ediciones, 2019.

DE BEAUVOIR, Simone. Mi experiencia como escritora. *In*: DE BEAUVOIR, Simone. *Fragmentos existencialistas y otros textos*. Trad. Leandro Sánchez Marín. Medellín: Ennegativo ediciones, 2019.

DE BEAUVOIR, Simone. *Cahiers de jeunesse*. Paris: Gallimard, 2008.



FULLBROOK, Kate; FULLBROOK, Edward. *Simone de Beauvoir: A critical introduction*. Malden: Polity Press, 1998.

FULLBROOK, Edward. She came to stay and Being and Nothingness. *In*: SIMONS, Margaret. *The philosophy of Simone de Beauvoir: critical essays*. Bloomington: Indiana University Press, 2006.

HEINÄMAA, Sara. Toward a phenomenology of sexual difference: Husserl, Merleau-Ponty, Beauvoir. [*S/I*]: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

HUSSERL, Edmund. *Europa: crise e renovação*. Trad. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2014.

LE BON DE BEAUVOIR. Foreword to the Beauvoir Series. *In*: DE BEAUVOIR, Simone. *Philosophical writings*. Chicago: University of Illinois Press, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Le roman et la métaphysique. *In*: MERLEAU-PONTY, Maurice. *Sens et non-sens*. Paris: Les Éditions Nagel, 1966.

MERLEAU-PONTY, Maurice. “O metafísico no homem”. *In*: MERLEAU-PONTY, Maurice. *Os pensadores*. Trad. Marilena Chauí. São Paulo: Abril cultural, 1975.

SARTRE, Jean-Paul. *Diário de uma guerra estranha*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SIMONS, Margaret. Beauvoir e Sartre: a questão de influência (1981). Trad. Paulo Sartori. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 03, n. 02, p. 340-345, 2012.

SIMONS, Margaret. The Beginnings of Beauvoir's Existential Phenomenology. *In*: O'BRIEN, Wendy; EMBREE, Lester. *The Existential Phenomenology of Simone de Beauvoir*. Boston: Kluwer Academic Publishers, 2001.

SIMONS, Margaret; BENJAMIN, Jessica. Simone de Beauvoir: An interview. *Feminist Studies*, Michigan, v. 05, n. 02, p. 330-345, 1979.

Souza, Thana. *Sartre e a Literatura engajada*. São Paulo: Edusp, 2008.

TEIXEIRA, Pedro Rhavel. Literatura e metafísica na filosofia de Simone de Beauvoir. *Sapere aude*, [S.I.], v. 08, n. 16, p. 508-521, 2017.

**Referência para citação deste artigo**

ANDRADE, Josiana Barbosa. Simone de Beauvoir e a dimensão metafísica da existência: uma análise de *A convidada*. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 1, p. 495 – 528, maio de 2021.